

# GUERREIRAS

ACOTIRENE AQUALTUNE DANDARA



ANASTÁCIA

MARIANA  
CRIOULA

TEREZA  
DE BENGUELA



ZEFERINA

LUIZA MAHIN

NÁ AGOTIMÉ

TIA SIMOA



## Hamurábi Batista

Primeira edição, Juazeiro – CE. Fevereiro de 2023

CORDEL  
EXPRESSO  
DIGITAL

## ÍNDICE

Apresentação.....	03
Acotirene.....	04
Aqualtune.....	12
Dandara dos Palmares.....	21
Anastácia.....	31
Mariana Crioula.....	40
Ná Agotimé.....	50
Tereza de Benguela.....	59
Tia Simoa.....	68
Zeferina.....	78
Luisa Mahin.....	86

## Apresentação

Há palavras para descrever, mas não há recipiente para suportar tamanho conteúdo. Às vezes fico pensando na existência de coisas tão absurdas diante de tanta indiferença, ao longo de tanto tempo.

As Guerreiras fazem parte da imensa lista de Heroínas Negras Brasileiras. Escritas ou não descritas, outrora colocadas de forma ao suposto abandono proposital, para o esquecimento e a injustiça. Tenho muito a agradecer a Escritora Jarid Arraes por haver trazido à superfície o conhecimento dessas mulheres, através das suas poesias no Livro Heroínas Negras Brasileiras em Quinze Cordéis. Poetiza maravilhosa, a partir da qual passei a perceber tantas coisas indispensáveis, e inestimáveis.

O seu Livro, com L maiúsculo, é a fonte. Procurei não me deter, avancei as pesquisas na internet, escrevi do ponto de vista do oprimido, e fiz questão de destacar a “Mulher”, personagem, numa retratação, de minha parte, tímida, da história.

# ACOTIRENE



Hamurábi Batista

Primeira edição, juazeiro – CE. Fevereiro de 2023

  
CORDEL  
EXPRESSO  
DIGITAL

# ACOTIRENE

Hamurábi Batista

Acotirene é o nome  
De um importante mucambo  
Na região dos Palmares  
Situado no Quilombo  
Em Pernambuco e Alagoas  
E seu litoral redondo.

Como distinta homenagem  
Que todos deram fazer  
Nossa mãe Acotirene  
Que viu Palmares nascer  
E o nutriu em seus braços  
E o ajudou a crescer.

Do idioma quimbundo  
Lá em Angola falado  
Nato do povo ambundu  
E tem significado  
Tipo do maior tamanho  
De sobremodo elevado.

Acotirene exercia  
Várias funções importantes  
Unindo os refugiados  
Em diferentes instantes  
Consultora, conselheira  
Dos temas mais relevantes.

Dos quesitos sociais  
Aos casos familiares  
Os assuntos de política  
E as questões militares  
Grande Leoa guerreira  
A matriarca dos mares.

Povoados quilombolas  
Pela Serra da Barriga  
Diversos aglomerados  
Desenvolvendo em seguida  
Para se tornar o reino  
De tantas terras perdidas.

Foi antes de Gangazumba  
No comando se instalar  
Que a guerreira Acotirene  
Fez sua chegada ao lugar  
E o primeiro povoado  
Começou a organizar.

Encaminhou as tarefas  
Distribuindo setores  
Da produção de alimentos  
Na construção, seus labores  
A divisão do trabalho  
Pros seus distintos atores.

O acesso aos fugitivos  
Pra assegurar garantia  
A cada vez mais guerreiros  
E mais guerreiras havia  
Para curar suas chagas  
E fixar moradia.

Aprimorando com prática  
Meios de comunicar  
Com a rede de infiltrados  
Disposta sempre a ajudar  
Quem fugisse das senzalas  
Nesse caminho pro lar.

A cooperar nas partilhas  
Encontros e encruzilhadas  
Esconderijos e apoios  
Nas fugas desenfreadas  
Pra encaminhar pro quilombo  
Ocasões encontradas.

Do treinamento pra luta  
Pra combatente ideal  
Cantar, com música a dança  
Da nossa arte marcial  
Aprimorando a cultura  
Para o contexto local.

Na batida do afoxé  
Do berimbau e tambor  
Do Candomblé pela Umbanda  
Maracatu que sambou  
O signo identitário  
Que nunca ninguém quebrou.

Tinha uma brenha danada  
Num ponto que ninguém via  
Organizou-se as empreitas  
E orientou-se o vigia  
Para chegar nos Palmares  
Só tendo o Santo da Guia.

Quem era de mesa, os pratos  
E de plantio, sementeira  
Quem era pedreiro, as massas  
E de orações, a cadeira  
Quem era de leite, o queijo  
E de luta, a capoeira.

Se Acotirene falasse  
Da gente era ela atendida  
Se o seu conselho era guerra  
Daría-lhe a nossa lida  
Se ela indicasse o trabalho  
Dispunha-se a nossa vida.

Pois o respeito se torna  
Fundamental importância  
Pra convivência afetiva  
Cooperação e abundância  
Autonomia e igualdade  
Com equilíbrio e constância.

Era o conjunto de normas  
A orientar relações  
Da vida em sociedade  
E as suas concepções  
Gerando à prosperidade  
Ativas conexões.

Acotirene desempenha  
Muito poder e influência  
A quem recorre ao conselho  
De sua sã consciência  
E fortalece o espírito  
De luz magnificência.

FIM

FONTES:

**Heroínas Negras Brasileiras : em 15 cordéis, Jarid Arraes** - Copyright do texto © 2020  
by Jarid Arraes Copyright das ilustrações © 2020 by Gabriela Pires O selo Seguinte  
pertence à Editora Schwarcz S.A.

<http://gingalimeira.blogspot.com/2018/11/acotirene-matriarca-do-quilombo-dos-palmares>

# AQUALTUNE



Hamurábi Batista

Primeira edição, juazeiro – CE. Fevereiro de 2023

  
CORDEL  
EXPRESSO  
DIGITAL

# AQUALTUNE

Hamurábi Batista

Aqaltune era princesa  
No continente africano  
A filha do rei do Congo  
Não lembro bem qual o ano  
Do século dezesseis  
Que vou dizer salvo engano.

Com a nação invadida  
Por mercenário covil  
Aqaltune na defesa  
Comandou mais de dez mil  
Entre os homens e as mulheres  
Contra o adversário hostil.

Na Batalha de Ambuíla  
Em desvantagem total  
Entre seu Reino do Congo  
E o larápio Portugal  
No ano sessenta e cinco  
De forma proposital.

O invasor latrocida  
Arrogante e preguiçoso  
Capturava as pessoas  
Em um comércio horroroso  
Com o aval dos poderosos  
Desse mundo criminoso.

Pra completar o serviço  
Para o final da peleja  
Capturaram seu pai  
Sem mais ninguém que proteja  
Arrancaram a sua cabeça  
E penduraram na igreja.

Com a derrota, a princesa,  
Aos demais, acorrentada  
Levada para o mercado  
E para o Brasil enviada  
Fazendo ter a História  
A lauda toda manchada.

No ano noventa e sete  
Quando ao Recife chegou  
Um grupo de fugitivos  
Em núcleo se organizou  
Lá na Serra da Barriga  
E um quilombo formou.

Aqualtune foi vendida  
Pra fazer reprodução  
Mandada pra uma fazenda  
Já durante a gestação  
Que ficava em Porto Calvo  
No entorno da região.

E lá ouviu duns relatos  
De tão sonhado lugar  
A quimera, a pátria livre  
Pra resistir e lutar  
E a fuga para o Quilombo  
Decidiu por comandar.

E no Quilombo, Aqualtune  
Com seu exemplar conceito  
Um grande reino na selva  
Foi finalmente perfeito  
Mostrando a todos os outros  
Que deveria ser feito.

Entre os filhos de Aqualtune  
Faço questão de falar  
Os mais valentes guerreiros  
Primeiros que vão lutar  
Que saem por derradeiros  
E como for vão voltar.

E a sua filha Sabina  
A que era a mãe de Zumbi.  
Grande expoente da luta  
Desde o passado ao porvir  
Aqualtune a nossa força  
De organizar, resistir.

Muito integrada nas frentes  
Em busca da liberdade  
A cultura, a autonomia  
A sua ancestralidade  
Sendo a maior referência  
De toda a comunidade.

De muita visão política  
Alta capacitação  
Desenvolveu fundamentos  
De estrutural relação  
Como fosse essa a república  
De toda a rebelião.

Então levou aos Palmares  
Núcleo gigante, o poder  
Tornando assim no seu auge  
Possível se defender  
Bem maior que Portugal  
No seu tamanho valer.

No ano setenta e sete  
Mil e seiscentos adiante  
Ocasão dos ataques  
Do capitão meliante  
Chamado Fernão Carrilho  
E a tropa repugnante.

Em um local do Quilombo  
Uma grande casa havia  
Onde o Conselho de Chefes  
Toda vez se reunia  
E o invasor genocida  
Certamente encontraria.

Estavam lá entre eles  
Na hora dessa desgraça  
Aqaltune, Ganazona  
Gangazumba, e Capacaça  
Amaro, Andalaquituche  
Osenga, e quem mais? Os parça.

E dos que não foram mortos  
Duzentos, aprisionados  
O rei e a rainha estavam  
Entre os danos calculados  
Foram desaparecidos  
Se mortos, ou torturados.

Ela tombou sob ataque  
Nos derradeiros momentos?  
A brava guerreira, idosa  
E os seus empoderamentos.  
Ícone de resistência  
De comando, e enfrentamentos.

Teriam vis portuguesas  
A campanha empreendido  
Na ocasião, aos Palmares  
Lograram ter invadido  
E incendiado umas vilas  
E idosos tenham morrido?

Tanta importância na História  
Protagonismo mulher  
A essencial atuação  
Diz ao que veio e o que quer  
De toda a emancipação  
Eis o sinônimo qual é.

FIM

FONTES:

**Heroínas negras brasileiras : em 15 cordéis, Jarid Arraes** - Copyright do texto © 2020  
by Jarid Arraes Copyright das ilustrações © 2020 by Gabriela Pires O selo Seguinte  
pertence à Editora Schwarcz S.A.

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Aqualtune>

# DANDARA DOS PALMARES



Hamurábi Batista

Primeira edição, juazeiro – CE. Fevereiro de 2023

  
CORDEL  
EXPRESSO  
DIGITAL

# DANDARA DOS PALMARES

Hamurábi Batista

Chegou por lá bem menina  
De fuga proveniente  
Integrou-se a atividades  
Na agricultura existente  
Na caça, pesca, e coleta  
E no que fosse evidente.

Pela ciência das matas  
Para encontrar alimentos  
Saber dos frutos, raízes  
E os tipos de provimentos  
Naturalmente em fartura  
A todo e quaisquer momentos.

Do seu habitat silvestre  
A proteína animal  
Caçava com arapucas  
Com lançadeira ou punhal  
A mata era a sua casa  
E a floresta o quintal.

Dandara capoeirista  
Com os quilombolas de luta  
Lá comandou o exército  
Dos Palmares, resoluta  
A defender o Quilombo  
Com disciplina e conduta.

É Dandara a mulher preta  
Guerreira das principais  
Teve um papel no Quilombo  
Daqueles fundamentais  
Lutando contra o sistema  
De escravocratas boçais.

No Quilombo dos Palmares  
Dandara participou  
De um estado africano  
Que no Brasil se formou  
De como ele foi pensado  
E assim que se organizou.

Nos seus diversos aspectos  
Sobretudo ao social  
Tanto do lado econômico  
Outrossim do cultural  
E o valor da liberdade  
Seu recurso principal.

Habilidade com armas  
De maneira elogiável  
Estrategista em batalhas  
E disciplina notável  
Adicionar seus comandos  
Era demais confiável.

Conhecedora do clima  
Se favorável ou não  
Bem conhecia o relevo  
Da densa vegetação  
E a vantagem nos embates  
Na certa com precisão.

Em 1630

Tornaram-se mais frequentes  
Os ataques aos Palmares  
Entre outras coisas urgentes  
Com invasão holandesa  
Nos territórios tangentes.

Mas Gangazumba imprudente  
Assinaturou um tratado  
Que o português redatou  
Com um capricho danado  
Ameaçando o Quilombo  
Com Zunba desavisado.

Para acabar os combates  
Pondo fim à resistência  
Entregando os fugitivos  
Sem demora e impertinência  
Pra esperar a liberdade  
Com muita resiliência.

Seria o fim do Quilombo  
A mais provável opção  
Não existia essa hipótese  
Nem a menor intenção  
Era preferível a morte  
Em vez da escravização.

Pois rompeu com Gangazumba  
Dandara, sem hesitar  
E tantos mais a seguiram  
E ao seu chamado a lutar  
Pra resistir aos tiranos  
Indignos de confiar.

Sendo o líder Gangazumba  
Noutra cena assassinado  
Deveras conveniente  
Depois de ele haver firmado  
O acordo de disparate  
Com o invasor esperado.

Com a morte de Gangazumba  
No episódio dessa vez  
Não resistir ao acordo  
Com o tirano português  
Seria tornar em vão  
Tudo o que a gente já fez.

Seguiram anos a fio  
A resistir sem temer  
Ela aprendeu dia a dia  
Que desistir é perder  
É o sabor da liberdade  
Quem faz a luta valer.

Diversas expedições  
Que invadir intentavam  
Quando encontravam Dandara  
Grande sufoco passavam  
Com tantos bravos guerreiros  
Que junto dela lutavam.

E quantas vezes tentassem  
Ao território invadir  
Uma melhor resistência  
De novo ia reagir  
E se encontrasse Dandara  
Ia tratar de fugir.

Os portugueses vexados  
Pelas derrotas sofridas  
Se organizaram mais fortes  
Com táticas prevenidas  
Pra destruir o Quilombo  
E exterminar suas vidas.

Somente assim conseguiram  
Com Palmares acabar:  
Milhares de mercenários  
Com poderio militar  
Com armamento pesado  
E munição pra danar.

As incontáveis lacunas  
Nas páginas esquecimento  
Não apagaram a imagem  
A força, o seu pensamento  
E em todo dia que passa  
Revive a cada momento.

Sempre se escuta Dandara  
Força, garra, e pertinência  
Pra toda mulher de luta  
De fibra, de competência  
Que em sua essência é dotada  
Natural por excelência.

Era Dandara no front  
Onde o combate estivesse  
Na plantação, na colheita  
Ou no extremo que houvesse  
Mostrando que o seu lugar  
Seria onde o quisesse.

FIM

FONTES:

**Heroínas negras brasileiras : em 15 cordéis, Jarid Arraes** - Copyright do texto © 2020 by Jarid Arraes Copyright das ilustrações © 2020 by Gabriela Pires O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

<https://brasilecola.uol.com.br/historia/dandara-dos-palmares.htm>

# ANASTÁCIA



Hamurábi Batista

Primeira edição, juazeiro – CE. Fevereiro de 2023

**CORDEL**  
**EXPRESSO**  
DIGITAL

# ANASTÁCIA

Hamurábi Batista

Às vezes fico pensado  
Realidade é tão dura  
Tanto dolo e estupidez  
Que se disfarça em candura  
E me pergunto insistente  
Se a humanidade tem cura.

Senhor deus dos desgraçados  
Perante os céus tanto horror  
Se rir-se a orquestra irônica  
Num canto estarrecedor  
Se não foi tua vontade  
Me diz quem foi o mentor.

Era a princesa africana  
Natural do povo Bantu  
Delminda, mãe de Anastácia  
Que narra a história no entanto  
Se era a mãe ou a filha  
Naquele navio enquanto.

Mil setecentos, quarenta  
No Madalena, o navio  
Que traficava nos mares  
E aportou lá no Rio  
Com mais cento e doze vítimas  
Desse comércio sombrio.

Que raptava as pessoas  
Acorrentava e vendia  
Com todo tipo de abuso  
Violência, de covardia  
Como se fosse um negócio  
De muita benfeitoria.

Delminda veio do Congo  
Ou lá de Angola adveio  
Família real Galanga  
Limítrofe lá do meio  
Que padecia aos ataques  
Do povo dono do alheio.

Ainda no cais do porto  
Por mil réis já foi vendida  
Para o feitor asqueroso  
Que revendeu em seguida  
Depois de tê-la estuprado  
Em tradição concedida.

Quem fez a compra bizarra  
Levou pra Minas Gerais  
A gravidez de Delminda  
Era um brinde, além do mais  
A tradição cabulosa  
Dos tratos comerciais.

E deu à luz a Anastácia  
Que mui saudável crescia  
Passou a sofrer assédio  
E resistiu, não queria  
E quanto mais recusava  
O abusador insistia.

Pois sendo assim foi mandada  
Na lavoura trabalhar  
Conversou com os companheiros  
Pra resistir e lutar  
E ao produto do trabalho  
Ela insistia em provar.

Sofria sentenciada  
Espancamentos constantes  
passando a usar a mordança  
Durante os dias restantes  
E a gargantilha de ferro  
Que era dada aos relutantes.

Não surtiram os efeitos  
Totalmente pretendidos  
A mordança, espancamentos  
E os maus tratos sofridos  
Não sufocaram a luta  
E os ideais abrangidos.

Era um perigo, a mulher  
Pertinaz, inteligente  
A consciência de classe  
E a beleza aparente  
Que tinha a própria vontade  
Soberana e intransigente.

Quem se daria ao respeito?  
Quem, nesse reino obtuso,  
Entenderia o que é certo  
E dele faria uso?  
Mas foram todos inaptos  
Num deplorável refuso.

E foi ficando doente  
Com o proceder lastimável  
Ao qual foi submetida  
Numa frequência implacável  
De crueldade e sadismo  
Por demais insuportável.

Porém quanto a sua morte  
Há narrações diferentes  
A sinhá arrependida  
Fez orações recorrentes  
Dando um enterro velório  
Em cerimônias decentes.

E sepultada na igreja  
Construída no local  
Pra segregar os cativos  
Apartheid espiritual  
Disfarçando a hipocrisia  
E o descalabro total.

Para o Rio de Janeiro  
Noutra versão mencionada  
Foi revendida de novo  
E finalmente levada  
Aos seus trinta e poucos anos  
Pela gangrena agravada.

Pelo contato do ferro  
Quando a mordança feria  
Da gargantilha a lesão  
Para agravar a agonia  
A sua boca e garganta  
Em grande patologia.

Depois o sepultamento  
Foi na igreja do Rosário  
Que foi depois destruída  
No acidente incendiário  
Restando só seu retrato  
Naquele triste cenário.

É mesma a boca que cospe  
Da mesma mão que apedreja  
Devora a carne, lacera  
Espezinhando sobeja  
Na indiferença forçada  
Pra virar santa da igreja.

Essa história de Anastácia  
A todas nós representa  
Todas pessoas que lutam  
Contra a altivez violenta  
Quem não se rende ou se dobra  
Ou vai ou racha, ou arrebenta.

FIM

FONTES:

**Heroínas negras brasileiras : em 15 cordéis, Jarid Arraes** - Copyright do texto © 2020 by Jarid Arraes Copyright das ilustrações © 2020 by Gabriela Pires O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

<https://primeirosnegros.com> Anastácia Sem Mordaça, Tania Regina Pinto

# MARIANA CRIOULA



Hamurábi Batista

Primeira edição, juazeiro – CE. Fevereiro de 2023

  
CORDEL  
EXPRESSO  
DIGITAL

# MARIANA CRIOULA

Hamurábi Batista

O Brasil manteve a pose  
De lucrativa colônia  
Do parasita, o império  
Que sugou sem parcimônia  
E propagou injustiças  
Da forma mais inidônea.

E escreveu uma História  
Da sua perversidade  
Como fosse aqueles crimes  
Bravura e dignidade  
Ao propagar suas mentiras  
E esconder a verdade.

Nos idos mil e oitocentos  
Dos trinta e oito seus anos  
Quando os barões do café  
E seus senhores fulanos  
Faziam escorrer sangue  
Dos mais febris oceanos.

Foi que surgiu Mariana  
Nesse contexto afinal  
Pra liderar o Levante  
Que ainda não teve igual  
Nesse Rio de Janeiro  
Do domínio imperial.

Na Fazenda Maravilha  
Que Mariana habitava  
Criada da casa grande  
Onde também se postava  
Para servir a madame  
Que o Barão desposava.

Quando era um mês de novembro  
Dia cinco alvoreceu  
Na Fazenda Freguesia  
Uma revolta se deu  
Quando de um dos companheiros  
O assassinato ocorreu.

Um jagunço sanguinário  
Do Capitão Mor Xavier  
Quem assassinou Camilo  
Como se fosse um qualquer  
Mas deu início a uma fúria  
Que jamais houve sequer.

Pois sendo assim decidiram  
Que iriam todos seguir  
Ao líder Manoel Congo  
E em caravana fugir  
Com um plano elaborado  
Para a alguns dias dali.

Então no dia marcado  
Apanharam alimentos  
O que de mais necessário  
Munições e armamentos  
E se embrenharam na mata  
Dos arredores traventos.

Dia seguinte seguiram  
Para a fazenda vizinha  
Chamada de Maravilha  
Porque acolá também tinha  
Escravizados detidos  
E libertá-los convinha.

Estava lá Mariana  
Em seus serviços forçosos  
Conseguiu mais mantimentos  
Outras mulheres e idosos  
Somando-se em quatrocentos  
Fugitivos revoltosos.

Era um grupo muito grande  
De solidários no embate  
Poderiam ter fugido  
Preferiram o arremate  
De ir fazer em seguida  
Um pouco usual resgate.

E moveram-se escondidos  
Pela mata da região  
Mariana liderava  
Tão possante pelotão  
Pra, se encontrar Liberdade,  
Poder tocá-la com a mão.

Quando a Guarda Nacional  
Foi chamada pra atacar  
Para agir como se fosse  
Polícia particular  
Subalterna aos poderosos  
Tropa paramilitar.

De cento e sessenta homens  
Formava-se o contingente  
Beirando a Serra do Couto  
E da Taquara na frente  
Localizando uma parte  
Do nosso grupo de gente.

Após grande caminhada  
Em torno de uma semana  
Houve um grande tiroteio  
No auge dessa campana  
Prenderam vinte pessoas  
E dentre elas Mariana.

A outra parte do grupo  
Fugiu por dentro da mata  
Uns retornaram por medo  
Pra mesma rotina ingrata  
E mais um tanto foi morto  
Em situação correlata.

Manoel Congo foi preso  
Também como seus iguais  
Acusado de homicídios  
De dois guardas nacionais  
Enquanto eram aguardadas  
Grandes tropas federais.

Era o Duque de Caxias  
Coronel Alves de Lima  
Que comandava essas tropas  
E as suas carnificinas  
Foi instaurar o inquérito  
Dumas sentenças cretinas.

Manoel foi condenado  
Na forca perdeu a vida  
Mas não mataram mulheres  
Que a pretensão obtida  
Era explorar no trabalho  
A parcela não devida.

Seguiu pois o julgamento  
De falácia e ostentação  
Fez um bode expiatório  
Pra ganhar a opinião  
Culpando os que tavam mortos  
Para enfeitar o cordão.

E viveu no cativoiro  
De obrigação acrescida  
Bem mais violência física  
E humilhação envolvida  
Pagando com a própria morte  
O seu direito de vida.

Quem escreveu a história  
Com tinta sangue de lucro  
Viu crescer um novo mundo  
O qual nasceu do estupro  
E concentrou as riquezas  
Nas mãos dum pequeno grupo.

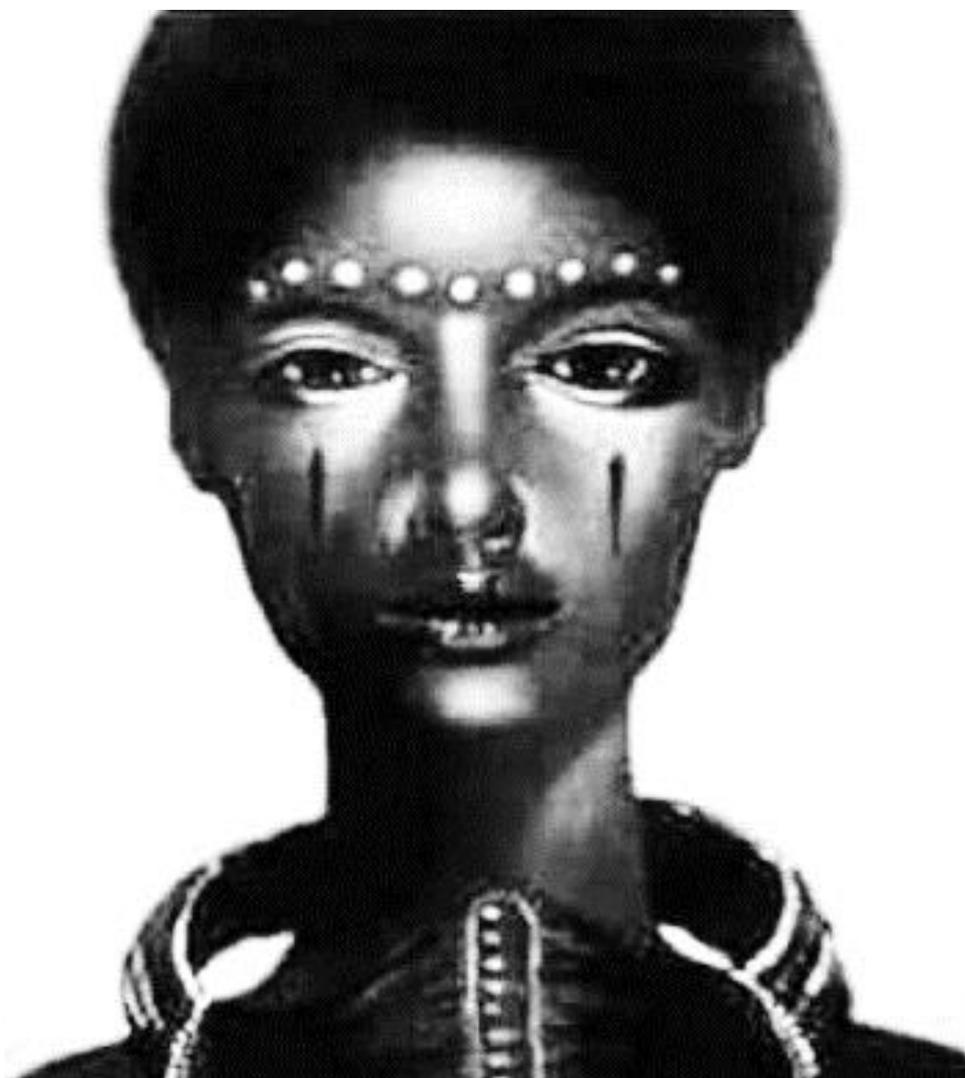
FIM

FONTES:

**Heroínas negras brasileiras : em 15 cordéis, Jarid Arraes** - Copyright do texto © 2020 by Jarid Arraes Copyright das ilustrações © 2020 by Gabriela Pires O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

Heroína do Brasil, Marianna Crioula liderou a maior insurreição de escravizados do Rio. Patrick Monteiro Yahoo Vida e Estilo 28 de maio de 2022

# NÁ AGOTIMÉ



Hamurábi Batista

Primeira edição, juazeiro – CE. Fevereiro de 2023

  
CORDEL  
EXPRESSO  
DIGITAL

# NÁ AGOTIMÉ

Hamurábi Batista

A história de Agotimé  
Com seu enredo intrigante  
Atravessou pelos mares  
E impressiona bastante  
A tradição, a cultura  
Que resistiu tão distante.

No vilarejo de Tendji  
Seu nascimento foi dado  
Lá no reino do Daomé  
Ficava localizado  
Pelo século dezoito  
Em torno do seu meado.

Nos povos do grupo Mahi  
Que nasceu e foi criada  
Língua yoruba-nagô  
Numa ciência sagrada  
Dos seus saberes da cura  
Espiritual iniciada.

Mas foi levada cativa  
Pro reino do Daomé  
E ganhou notoriedade  
Pela magia da fé  
E todos conhecimentos  
Que tinha do Candomblé.

O rei Agonglo de pronto  
Ficou por ela encantado  
Tornou uma das esposas  
E um filho então foi gerado  
Que foi chamado de Gapke  
E ao trono foi indicado.

Na morte do rei Agonglo  
Outro filho enfureceu-se  
Não concordando com Gapke  
Que o trono seria seu  
E deu um golpe de estado  
E ao poder subverteu.

Adandozan, o seu nome  
Quem exilou seu irmão  
Ao prender Agotimé  
Temendo sua reação  
Vendeu-a prum traficante  
Com a seguinte instrução:

Rebatizassem a vítima  
Com muita disparidade  
Omitissem paradeiro  
Também naturalidade  
A região, e a família  
E mais a localidade.

E se perdeu no roteiro  
Seu paradeiro atual  
Se foi levada pra Cuba  
Ou se foi pra outro local  
No Nordeste brasileiro  
Que tinha mais capital.

Passados já vinte anos  
Seu filho destituído  
Retorna pro Daomé  
Bastante reconhecido  
Derruba o irmão golpista.  
Aprisionando o bandido.

Enviou expedições  
Em busca de sua mãe  
Não importava o esforço  
Nem da distância o tamanho  
Mas não existe certeza  
E o resultado é estranho.

Ultrapassaram-se décadas  
Com este incerto desfecho  
    Acerca de seu retorno  
Do reencontro apetrecho  
    Somente havia o palpíte  
Que o Nordeste era o eixo.

E descobriu-se em sequência  
No estado do Maranhão  
    Na capital São Luiz  
    A principal tradição  
Dos Voduns Daomeanos  
    Fazendo a conexão.

Pois apenas sacerdotes  
    Desta família real  
Detinham conhecimentos  
Daquele culto ancestral  
    Ligando cada Vodun  
Ao seu nome original.

Foi descoberto seu nome  
Que recebeu da ruína  
Pois que passou ser chamada  
Por Maria Jesuína  
Quando foi renomeada  
Para viver na surdina.

Deste jeito Agotimé  
Na verdade é fundadora  
Da grande Casa das Minas  
De sua fé a tutora  
De toda a dignidade  
Bastante merecedora.

Pelos caminhos trilhados  
Entre os açoites, grilhões  
Diante as hostilidades  
Das outras religiões  
Que propagavam mentiras  
Violências, perseguições.

As mesmas tais coniventes  
Do genocídio usual  
Exterminavam pessoas  
Da forma mais radical  
Porque também destruíam  
A tradição cultural.

Os seres vis que lucravam  
Com esse tráfico humano  
Tinham toda a consciência  
Do trato tão leviano  
E do assalto que fizeram  
No continente africano.

Pra garantir propagaram  
Mentiras insustentáveis  
A nossa gente foi vítima  
De danos irreparáveis  
E na verdade detinha  
Riquezas inestimáveis.

FIM

FONTES:

**Heroínas negras brasileiras : em 15 cordéis, Jarid Arraes** - Copyright do texto © 2020 by Jarid Arraes Copyright das ilustrações © 2020 by Gabriela Pires O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

<https://www.ufrgs.br/africanas/na-agontime-seculos-xviii-xix/faleafrofuturo.medium.com> - Ná Agontimé, Rainha de Dois Mundos.

# TEREZA DE BENGUELA



Hamurábi Batista

Primeira edição, juazeiro – CE. Fevereiro de 2023

  
CORDEL  
EXPRESSO  
DIGITAL

# TEREZA DE BENGUELA

Hamurábi Batista

De onde tenha ocorrido  
Um dia seu nascimento  
Se no Brasil ou na África  
Não temos conhecimento  
Que se deve ao grande lapso  
Propósito esquecimento.

Além do que nossa história  
Em grande parte era escrita  
Com a visão do império  
E da elite escravagista  
Que além de ser latrocida  
Era misógina e racista.

Na Serra dos Parecis  
Ao Rio Guaporé por perto  
Riquezas e minerais  
Por ali foi descoberto  
Atraindo os portugueses  
O tesouro a céu aberto.

No estado de Mato Grosso  
A história é localizada  
Pelo século dezoito  
Devidamente datada  
E Tereza de Benguela  
No Quilombo era casada.

O seu marido era o líder  
Desse quilombo que havia  
O maior que em Mato Grosso  
Há tempos já resistia  
Fronteira com a Bolívia  
Seu território fazia.

O nome desse Quilombo  
Era “do Quariterê”  
Unidos com os indígenas  
Pra resistir e viver  
Tereza foi pro comando  
Depois do chefe morrer.

Mulheres sempre tiveram  
Um papel supra importante  
Revoluções e batalhas  
Conquistas e doravante  
O que seria do mundo  
Sem o seu gênio brilhante?

Quariterê igualmente  
Demonstrava aptidão  
O tato, o discernimento  
Liderança, percepção  
Tereza foi aclamada  
Por infinita razão.

Mais de duzentas pessoas  
Quariterê abrigava  
Sustentavam-se em recursos  
Que o Pantanal ofertava  
Pra viverem do cultivo  
Das culturas que plantavam.

Da mandioca e banana  
Como também do feijão  
Grande cultivo de milho  
Proporcional de algodão  
E o excedente produzido  
Vendiam na ocasião.

Dos objetos metálicos  
As ferramentas faziam  
Utilizando os grilhões  
Que dantes os oprimiam  
E davam a utilidade  
Que precisava e queriam.

Lá fabricavam tecido  
Pra fazer confecção  
As roupas eram tecidas  
Feitas do próprio algodão  
E também eram vendidas  
Ao povo da região.

Tereza com seu comando  
Fez um aprimoramento  
Pra discutir as ações  
Com todo procedimento  
À decisão coletiva  
Num tipo de parlamento.

Onde Tereza Rainha  
Afiml quem presidia  
Atuavam deputados  
Neste senado que havia  
Instalado numa casa  
Que reservada existia.

O Quariterê ficava  
Num lugar muito afastado  
Com um acesso difícil  
Num roteiro complicado  
O aparato de defesa  
Foi por ela elaborado.

Criou várias estratégias  
E utilizou na defesa  
Trocando armas com brancos  
Com a total agudeza  
Duma expressão de bravura  
Dessa Rainha Tereza.

O Quariterê portanto  
Passou a ser na verdade  
A referência potente  
De equilíbrio e liberdade  
Do respeito às diferenças  
Da vida em comunidade.

Tornando-se em alto som  
A resistência eloquente  
Contra aqueles criminosos  
Que se impuseram na gente  
Com genocídio e o abuso  
Tão sanguinário e insolente.

Não arcaram a igualdade  
Nem justiça social  
O que disseram ser bom  
Na realidade era o mal  
E o que chamaram justiça  
Era a súcia bestial.

Toda colonização  
Na verdade é latrocínio  
Todo tipo de absurdo  
De mentira, de extermínio  
Destruição e pilhagem  
Para usurpar o domínio.

É lógico, os latrocidas  
Tiveram-na como uma afronta  
A liberdade, o direito  
De igualdade ponta a ponta  
Mulheres, negros e indígenas  
Já era demais da conta.

Foram várias tentativas  
Da corja municuada  
Movida na bizarrice  
Destruição consumada  
Na sua ânsia de crimes  
Insana e deliberada.

Nossa Rainha Tereza  
Não a mataram ainda  
Ainda hoje ela é viva  
Mais poderosa e mais linda  
Em cada mulher de luta  
Sua existência não finda

FIM

## FONTES:

**Heróínas negras brasileiras : em 15 cordéis, Jarid Arraes** - Copyright do texto © 2020 by Jarid Arraes Copyright das ilustrações © 2020 by Gabriela Pires O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

<https://www.ufrb.edu.br/bibliotecacecult/noticias/220-tereza-de-benguela-a-escrava-que-virou-rainha-e-liderou-um-quilombo-de-negros-e-indios>

# TIA SIMOA



Hamurábi Batista

Primeira edição, juazeiro – CE. Fevereiro de 2023

**CORDEL**  
**EXPRESSO**  
DIGITAL

# TIA SIMOA

Hamurábi Batista

A versão oficial  
Que a história manifestou  
Da mesma perspectiva  
Quem oprimiu, molestou  
De quem deteve o domínio  
E aos recursos tomou.

Invade, explora e depreda  
Pra consumir e lucrar  
Usa, devasta, e destrói  
Pra novo lucro gerar  
E reconstrói por mais lucro  
E boa fama levar.

Agiu, o patriarcado  
Com seu regime machista  
Preguiçoso escravocrata  
Sado falso moralista  
Manipulou a mentira  
Numa visão elitista.

E sonegou para os livros  
As personagens da história  
A interpretação dos fatos  
Desviou da trajetória  
Pra sufocar escondida  
Subterrânea memória.

Nos anos mil e oitocentos  
Dos oitenta e um datados  
Figurou protagonista  
Nos fatos inusitados  
Na luta pra libertar  
Os povos escravizados.

A Preta Tia Simoa  
A liderança raiz  
Sua espiritualidade  
De africana matriz  
E o vetor da liberdade  
Gerando a força motriz.

A causa abolicionista  
Passo a passo comumente  
Pelo Brasil se espalhava  
Com resultado carente  
No Ceará entretanto  
A gente saiu na frente.

Os jangadeiros do mar  
Decidiram por final  
No embarque de escravizados  
No porto da capital  
Exigindo a abolição  
Da escravização brutal.

Para acabar com a greve  
Foi que a polícia entreviu  
Pra prender os jangadeiros  
    Numa resposta viril:  
Rendição ou extermínio  
    Pra fazer jus ao perfil.

A ordem dada era firme  
    Sem ponto a negociar  
    No seu poder de polícia  
Que faz questão de ostentar  
    Pegou os escravizados  
    No porto para embarcar.

Um duro ataque das tropas  
Que conseguiu ter sucesso  
    Aos revoltos o embaraço  
    Num sensível retrocesso  
    Necessitando atitude  
    Pra reverter o processo.

Tia Simoa entretanto  
Reagiu por sua vez  
Partiu pra comunidade  
Com bastante rapidez  
Mobilizou o reforço  
Com perícia e fluidez.

Unificar as demandas  
Num movimento político  
Necessita inteligência  
Foco, e pensamento crítico  
Para convergir coesos  
Unidos no mesmo ritmo.

Chamou homens e mulheres  
Com grande convencimento  
Enorme contribuição  
Suscitando ao movimento  
O conhecimento público  
E maior engajamento.

Seguiram acelerados  
Na maior convicção  
Para acuar a polícia  
E colocar mais pressão  
Pra ampliar o resultado  
Em busca da abolição.

Um grupo dos insurgentes  
Furtivamente alcançou  
O transporte dos cativos  
E a todos lá resgatou  
Que a polícia enganada  
Nem sequer desconfiou.

Repercutiu entre todos  
Pelos mais vastos lugares  
A operação de resgate  
Que humilhou os militares  
E trouxe de volta a gente  
Pros seus devidos lugares.

Tia Simoa bem quista  
Dos mais diversos setores  
Da crescente sociedade  
De diferentes valores  
E com certo antagonismo  
Em relação aos feitores.

Mais multidões convencidas  
Na praia vindo somar  
Tia Simoa na frente  
Faço questão de frisar  
Sem o seu protagonismo  
Difícilmente ia dar.

A ideia abolicionista  
Ascendeu a presidente  
Pra governar a província  
Do Ceará mui prudente  
Passou a negociar  
O movimento eloquente.

O grande esforço foi feito  
Repercussão foi gerada  
O resultado da luta  
Pavimentou a estrada  
Fazendo que a Abolição  
Em breve fosse assinada.

Quero chamar a atenção  
Dum fato primordial  
Ser omitida da história  
Personagem principal  
Numa suspeita aparente  
De dano proposital.

FIM

FONTES:

**Heroínas negras brasileiras : em 15 cordéis, Jarid Arraes** - Copyright do texto © 2020 by Jarid Arraes Copyright das ilustrações © 2020 by Gabriela Pires O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

Tia Simoa e a luta por liberdade, Karla Jaqueline Vieira Alves -  
[opovo.com.br/jornal/opiniao/2019/06/13](https://opovo.com.br/jornal/opiniao/2019/06/13)

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Greve\\_dos\\_jangadeiros](https://pt.wikipedia.org/wiki/Greve_dos_jangadeiros)

# ZEFERINA



Hamurábi Batista

Primeira edição, juazeiro – CE. Fevereiro de 2023

**CORDEL**  
**EXPRESSO**  
**DIGITAL**

# ZEFERINA

Hamurábi Batista

Ela chegou ao Brasil  
Porque foi capturada  
Com sua mãe em Angola  
Com tantos, acorrentada  
Para sofrer os abusos  
Na terrível empreitada.

Às colônias se saqueiam  
Num trajeto pavoroso  
Para obter o progresso  
Num plano meticuloso  
E atravessar o caminho  
Por meio inescrupuloso.

Fazem piores barbáries  
E pra nós contam de fadas  
Seguem nesse assalto horrendo  
Dando golpes nas caladas  
Às custas de tantas vidas  
A rios de sangue banhadas.

Ela chegou no quilombo  
Fugindo desses maus tratos  
Das piores violências  
Já ditas noutros relatos  
Que deixam todos contritos  
Aflitos e estupefatos.

O Quilombo do Urubu  
Como era assim conhecido  
Lá mesmo onde o trabalho  
Era total compartilhado  
E o seu fruto era o produto  
Por todos usufruído.

O Quilombo do Urubu  
De relata autonomia  
Podendo o próprio consumo  
Movido a própria ousadia  
E que ainda auxiliava  
Outro quilombo que havia.

E cultivavam na paz  
A liberdade e a fé  
Preservando suas origens  
Nos cultos de candomblé  
Trazidos da mamãe África  
No coração e no axé.

A peçonha escravagista  
É mui preconceituosa  
Manipula as consciências  
Arbitrária, e ardilosa  
E propaga a intolerância  
De cunho religiosa.

Nem pode ver o sucesso  
Que haja na autogestão  
Na liberdade que existe  
Na igualdade, e união  
No produto resultado  
Da própria satisfação.

E procuraram pretextos  
Para poder invadir  
Pra raptar as pessoas  
Força-las mais e extorquir  
E o que não desse proveito  
Assassinar, destruir.

Certa vez em caminhada  
Uns quilombolas passavam  
Para levar um auxílio  
Para os outros que habitavam  
Em um quilombo vizinho  
Pois muitos necessitavam.

Ao depararem na frente  
Com tropas policiais  
Levaram pesado ataque  
E recuaram demais  
Porque senão, resistir  
Ninguém seria capaz.

O temor dos poderosos  
Estava a forma tomando  
Os mesmos já vitimados  
Livres e se organizando  
Desenvolvendo saldáveis  
A ainda se propagando.

Eram duzentos meganhas  
Com cavalos e arsenal  
Empunhando armas de fogo  
Para o confronto final  
Contra aqueles camponeses  
E a liberdade local.

Então assim Zeferina  
Liderou a nossa gente  
Cinquenta homens, mulheres  
Com arco e flecha somente  
Para enfrentar os soldados  
Com armamento potente.

Organizou o levante  
Motivou seus companheiros  
Improvisou estratégias  
E resistiu aos primeiros  
Mas eram muitos ataques  
Com bacamartes certos.

E sufocou-lhe a revolta  
Quando abafado seu grito  
À força dos criminosos  
Movida ao santo delito  
Ao terror, à violência  
Para o usufruto restrito.

Capturada com vida  
Não mais reapareceu  
Não retornou ao quilombo  
E nem ninguém se atreveu  
A questionar o sumiço  
Nem procurar pelo seu.

Das relações do sufrágio  
Nem pormenor enredado  
Das condições de sua morte  
Se do ocorrido passado  
Para encontrar liberdade  
Atravessando o outro lado.

FIM

FONTES:

**Heroínas negras brasileiras : em 15 cordéis, Jarid Arraes**

- Copyright do texto © 2020 by Jarid Arraes Copyright das ilustrações

© 2020 by Gabriela Pires O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

<https://observatorio3setor.org.br/noticias/ela-liderou-um-quilombo-em-meio-a-uma-revolta-e-morreu-ao-defende-lo/>

# LUIZA MAHIN



## Hamurábi Batista

Primeira edição, juazeiro – CE. Fevereiro de 2023

**CORDEL**  
**EXPRESSO**  
DIGITAL

# LUIZA MAHIN

Hamurábi Batista

Sua origem africana  
Não se pode revogar  
De uma comunidade  
Dos povos Mahin que há  
Do reino de Savalu  
De língua gbe yorubá.

No século dezanove  
Que nasceu provavelmente  
Sendo da Costa da Mina  
No território abrangente  
Donde foi capturada  
Na compulsão recorrente.

O reino de Daomé  
Fazia tais capturas  
Mais de um milhão de pessoas  
Levadas sob torturas  
Cativas e escravizadas  
Numas tragédias tão duras.

Vendidas pros europeus  
Num crime mais que oportuno  
Acostumar-me com a idéia  
Eu juro, não me acostumo  
Tamanha perversidade  
Pro novo mundo: consumo.

Numa sequência bizarra  
De delinquência usual  
De crime continuado  
Tráfico internacional  
Que tragou seres humanos  
Em um sistema brutal.

Pra alimentar o aparelho  
Tão vicioso e glutão  
Num método hediondo  
Colonizador padrão  
Através do latrocínio  
Genocídio e expropriação.

Luisa Mahin chegou  
Desembarcou na Bahia  
Para ser escravizada  
Sob constante agonia  
Enquanto a sociedade  
Com sordidez e apatia.

Muito trabalho forçado  
Com fome, senzala, e tronco  
Para lembrar, as feridas  
Quando pensasse em confronto  
Que do estrangeiro opressor  
De longe se ouvia o ronco.

Quando passaram-se os anos  
Por décadas adiante  
Numa rotina puxada  
Dolorosa, extenuante  
Em tão intensa jornada  
Tão abusiva e distante.

Pois resultou de comprar  
A sua alforria enfim  
Quando se tornou possível  
O fez Luisa Mahin  
E se transformou na luta  
Num verdadeiro estopim.

Tornou-se livre Luisa  
E iniciou sem temor  
Com liberdade um trabalho  
De cunho empreendedor  
E assim foi ser quituteira  
Na urbe de Salvador.

Integrou-se aos movimentos  
De libertação e luta  
Gerou diversos contatos  
Com pertinente labuta  
Para buscar junta a todos  
Liberdade absoluta.

Ela enviava mensagens  
Escritas subliminares  
Levadas pelos meninos  
Até distintos lugares  
Em troca dos seus quitutes  
De gostosuras impares.

Informava as reuniões  
Com seus lugares secretos  
Pra discutir as demandas  
E objetivos concretos  
As estratégias de luta  
E os possíveis trajetos.

Ela fez da própria casa  
O seu quartel general  
Desenvolvendo as revoltas  
Com maior potencial  
Na luta por liberdade  
Da forma mais visceral.

Foi presa mais de uma vez  
Por causa do envolvimento  
Nos planos de insurreições  
Sem haver comprovamento  
Pra ser logo liberada  
E voltar pro movimento.

Na “Revolta dos Malês”  
A atuação acirrada  
Operou ativamente  
Luisa, na “Sabinada”  
Perseguida novamente  
E bateu em retirada.

Por conhecidos, relatos  
Acompanhada saiu  
Juntamente a alguns malungos  
Foram simbora pro Rio  
Constando em depoimento  
Que atestou de quem viu.

E deram dela notícia  
Indo no Rio de Janeiro  
Com um grupo camarada  
Ativista, malungueiro  
E novamente a polícia  
Levou-lhe pro cativeiro.

A pretensão ocorrida  
Era manda-la ir embora  
Pegar o próximo navio  
Com seu destino a Angola  
Senão prepara o carrasco  
Pra caprichar na degola.

Sem registro oficial  
Se ela adentrou no degredo  
    Alativa, determinada  
Vingativa, sem ter medo  
    Ela escapou da prisão  
Pro Maranhão em segredo.

Onde com sua influência  
Foi concebido e gerado  
    Pensado, desenvolvido  
E por demais rebuscado  
Que o Tambor de Crioula  
Dessa menção foi criado.

Querem borrar da História  
    Ícones do movimento  
Subestimar as mulheres  
    Num eclipse violento  
Mas sobressai-se a verdade  
Que vem do conhecimento.

FIM

FONTES:

**Heroínas negras brasileiras : em 15 cordéis, Jarid Arraes** - Copyright do texto © 2020 by Jarid Arraes Copyright das ilustrações © 2020 by Gabriela Pires O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

[https://www.ufrgs.br/Luiza\\_Mahin](https://www.ufrgs.br/Luiza_Mahin) (século XIX) Biografia de Mulheres Africanas

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Luisa\\_Mahin](https://pt.wikipedia.org/wiki/Luisa_Mahin)

**CORDEL**  
**EXPRESSO**  
DIGITAL

hbcultura@gmail.com

 88.99728.2724

 @hamurabi.batistaoficial